

Sindicato repudia demissões no Bradesco e convoca categoria a se mobilizar

Na última semana, os funcionários do Bradesco, em Pelotas, passaram a sentir, na pele, o que representa a política nacional de reformulação do banco, que tem ganhado às mídias, de forma enganosa, em um tom de exaltação ao futuro. A referência à Família Jetson, na Campanha de Publicidade do Banco, procura passar uma falsa ideia de que a tecnologia pode suprir todas as demandas dos clientes, desprezando o trabalho humano.

Em reunião realizada na última quinta-feira, dia 8 de outubro, a Comissão de Organização dos Empregados (COE) do Bradesco foi notificada, pela direção do banco, que as demissões irão continuar. Ao todo, já são quase 500 demissões, em todo o país, sendo três delas realizadas, na última semana, em Pelotas.

Durante a reunião, o diretor nacional de RH do banco, Juliano Marcílio, declarou que as demissões devem continuar até o final de novembro. Vale lembrar que o Bradesco, em mesa de negociação, assumiu o compromisso de não realizar desligamentos, sem justa causa, durante a pandemia. “É inadmissível que qualquer mudança estrutural e gerencial, no Banco, se dê às custas da demissão dos empregados, que são diretamente responsáveis pelos lucros conquistados, ano após ano, mesmo no atual contexto, diante da maior crise sanitária dos últimos tempos”, critica o diretor do Sindicato, Sérgio Seus, que é, também, funcionário do Bradesco.

Nada justifica a postura do banco. A crise econômica atinge em cheio os milhares de trabalhadores que perderam a fonte de renda. Para o Bradesco, não. Em meio à pandemia, a empresa seguiu lucrando e, no primeiro semestre de 2020, faturou R\$ 7,626 bilhões, crescimento de 3,2% no lucro na comparação com o trimestre anterior.

As demissões não só atingem as famílias dos trabalhadores, mas também aos clientes. Com o número reduzido de funcionários, o atendimento nas agências começará a ficar deficiente, sobre-



carregando os demais empregados.

A COE do Bradesco tem se mostrado aberta a novas negociações, mas reforça que não irá aceitar tamanho desrespeito do banco com os funcionários que estão fazendo tanto pela empresa durante essa pandemia. Quando cobrado sobre o compromisso assumido no início da crise sanitária, o banco disse que as condições iam até maio e que os “ajustes” são por conta da “reestruturação”. O movimento sindical discorda e garante que era até o final da pandemia, que ainda não acabou.

Por ironia, o banco faz campanha falando que está “se preparando para o futuro”, mas se esquece de pensar no futuro das famílias que estão sendo lançadas à própria sorte a partir de agora.